

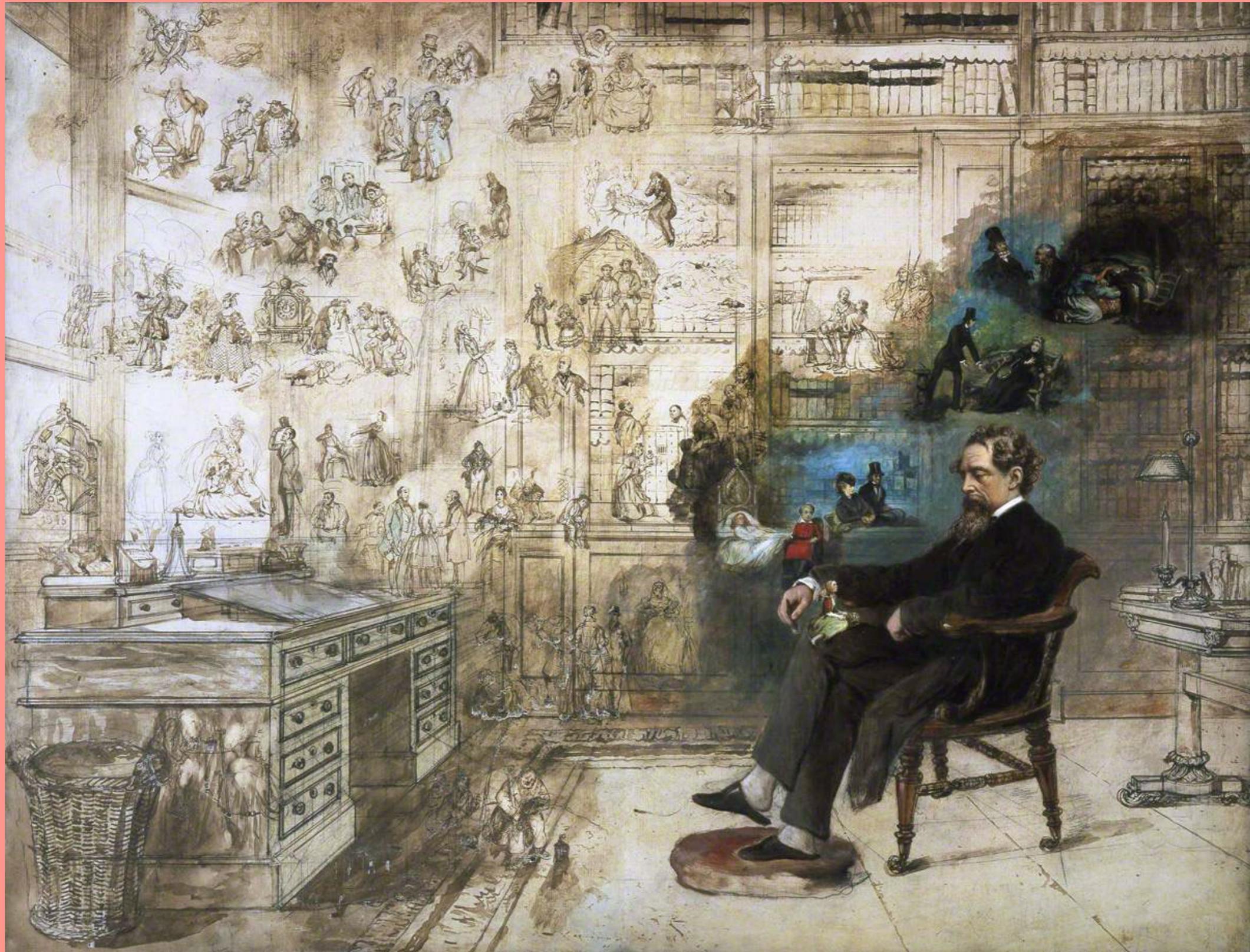
“Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu *vejo* diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos.”

— PESSOA, CARTA A ADOLFO CASAIS MONTEIRO, IT. DO AUTOR.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura — cara, estatura, traje e gesto — *imediatamente eu via diante de mim*. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, *oiço, sinto, vejo*. Repito: *oiço, sinto, vejo...* E tenho saudades deles.

— PESSOA, CARTA A ADOLFO CASAIS MONTEIRO, IT. MEU.

O SONHO DE DICKENS *vis-à-vis*
MANEIRA DE BEM SONHAR
NOS METAFÍSICOS *vis-à-vis*
CARTA SOBRE A GÉNESE DOS
HETERÓNIMOS



R.W. Buss, Dickens' Dream, 1875

“Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu *vejo* diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos.”

— PESSOA, CARTA A ADOLFO CASAIS MONTEIRO, IT. DO AUTOR.

Ler vs *ver*

Ler vs sonhar



Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão.

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ler vs *sonhar*



Personal Notes



“The definite type of literature I have almost dropped. I could read it for learning or for pleasure. But I have nothing to learn, and *the pleasure to be drawn from books is of a type that can with profit be substituted by that which the contact with nature and the observation of life can directly give me.*”

L do D. BNP/E3, 1-74r-75r

Fragmento 171, ed. Zenith



“Um homem pode, se tiver a verdadeira sabedoria, gosar o espectáculo inteiro do mundo numa cadeira, sem saber ler, sem fallar com alguém, só com o uso dos sentidos e a alma não saber ser triste.”

[c. 1930]

42 [71A-27^r]

Notas (A[lvaro] de C[ampos])

Maravilho-me da doutrina de Antonio Mora, e discordo d'ella com um gesto delicado de afastamento. O mal d'estes homens todos — do Ricardo Reis, do Antonio Mora, do Fernando Pessoa, sim, porque sinto outside idolatry, do meu mestre Caeiro tambem —¹ é que só veem a realidade. Diversamente, todos a veem com clareza; todos são objectivistas, até o Fernando Pessoa, que é subjectivista tambem. Mas eu não só vejo a realidade² — *palpo-a*. Porisso elles são, mais ou menos declaradamente, polytheistas, e eu sou monotheista. É que o mundo considerado com a vista é de uma essencial diversidade. Considerado com o tacto, não tem diversidade nenhuma. Elles são todos, diversamente, mais intelligentes do que eu, mas eu sou mais profundamente practico do que elles todos. Porisso creio em Deus. Às vezes penso que Milton só pôde ascender a um sentimento sublime da Divindade quando, privado da vista, voltou á grande primitividade do tacto, á grande unidade da materia. E o proprio Satan, que não é senão Deus em sua sombra disforme, lançada pela luz do aparente, não o pôde elle tam fortemente conceber senão quando os olhos se lhe haviam tornado noite.

A variedade do mundo não é variedade senão por contraposição subentendida a uma unidade qualquer. E essa unidade adivinhada é Deus.

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão.

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ler vs *sonhar*



= Ler é andar pela mão de outro.
 Ler mal é por alto e libertar-se
 da mão que nos conduz. A superficial
 lê mal na conduta e o mundo
 de lição e não se profunde.

Que coisa tão alta e baixa para
 a vida! Apesar que para no baixo
 não falta não a quereres, ser, e
 não, não dependes da tua
 vontade, não nem da tua
 ilusão da tua vontade. —

Manter é permitir outros Malmente.
 Manter é permitir a a cobrança,
 é entregar-se aos totalmente a
 vida.

“Ler é sonhar pela mão de outrem. Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz. A superficialidade na erudição é o único modo de ler bem e ser profundo.

→ Que coisa tão reles e baixa que é a vida! Repara que para ser baixa e reles basta não a queres, ser-te dada, nada depender da tua vontade, nem mesmo da tua ilusão da tua vontade.

Morrer é sermos outros totalmente. Por isso o suicídio é a cobardia; é entregarmo-nos totalmente à vida.”

L do D.

Maneira de Bem Sonhar nos Metafísicos



“A melhor maneira de começar a sonhar é mediante livros. Os romances servem de muito para o principiante. Aprender a entregar-se totalmente à leitura, a viver absolutamente com as personagens de um romance, eis o primeiro passo. (...) É preciso evitar o ler romances literários onde a atenção seja desviada para a forma do romance. Não tenho vergonha em confessar que assim comecei.”

L do D.

Maneira de Bem Sonhar nos Metafísicos



“Nunca ler um livro até ao fim, nem lê-lo a seguir e sem saltar.”

Por contraste, o tropo da supressão da anterioridade. O “neopaganismo” enquanto rejeição da herança cultural. Mais exemplos adiante.



Tenha-se presente sempre que nascer pagão representa nascer-se livre de mais de vinte séculos de civilização cristã, porque as influências que finalmente se revelaram no cristismo estavam de havia muito, em acção nos países do paganismo. Isto não é impossível, porque nada é impossível.

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão.

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ler vs *sonhar*

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão:

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ver o *não-eu* externo, 'paisagem'

Ver o não-eu interno, 'sonho', paisagens interiores

Ler vs *sonhar*

(i.e. escrever)

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão:

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ver apenas com os olhos: Caeiro

Ler vs *sonhar*

(i.e. escrever)

O mal d'estes homens todos

De: Poema II de 'O Guardador de Rebanhos'



“Creio no Mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...”

Por contraste, Thomas Crosse sobre Caeiro:

“Entregue a si próprio, [Caeiro] não tem qualquer ternura pelas coisas, mal tem qualquer ternura, até, pelas suas sensações. Aqui tocamos a sua grande originalidade, a sua objectividade quase inconcebível. *Vê as coisas apenas com os olhos, não com a mente. Quando olha para uma flor, não permite que isso provoque quaisquer pensamentos. Longe de ver sermões nas pedras, nem sequer se permite conceber uma pedra como ponto de partida para um sermão.* O único sermão que uma pedra encerra é, para ele, o facto de existir. A única coisa que uma pedra lhe diz é que nada tem para lhe dizer. Pode-se conceber um estado de espírito parecido com este, mas não pode conceber-se num poeta. Esta maneira de olhar para uma pedra pode ser definida como a *maneira totalmente não-poética de a olhar.*”

Por contraste, Thomas Crosse sobre Caeiro:

→ “O facto estupendo acerca de Caeiro é que produz poesia a partir deste sentimento, ou, antes, ausência de sentimento. Sente positivamente o que até aqui só podia ser concebido como sentimento negativo. Perguntai a vós próprios: que pensais duma pedra quando a olhais sem pensar nela? O que se resume no seguinte: que pensais duma pedra quando não pensais mesmo nela? A pergunta, é claro, é completamente absurda. A coisa estranha em tudo isto é que toda a poesia de Caeiro se baseia num sentimento que achais impossível conceber como susceptível de existir. Talvez eu tenha logrado apontar *a natureza extraordinária da inspiração de Caeiro, a fenomenal novidade da sua poesia, o seu génio espantoso e sem precedente, toda a sua atitude.*”

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão:

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ver apenas com os olhos: Caeiro

Estar doente dos olhos:

O mal d'estes homens todos

Ler vs *sonhar*

(i.e. escrever)

O mal d'estes homens todos



Aula passada: a posição à janela, espectadores de si mesmos, paralisados na consciência de si. Campos, Soares, Maria José, et. al.

Ler vs *ver*

Ver como substituto da leitura,
sem a desvantagem da servidão:

Leitura como forma
servil de sonhar.

Ver o não-eu interno, 'sonho', paisagens interiores

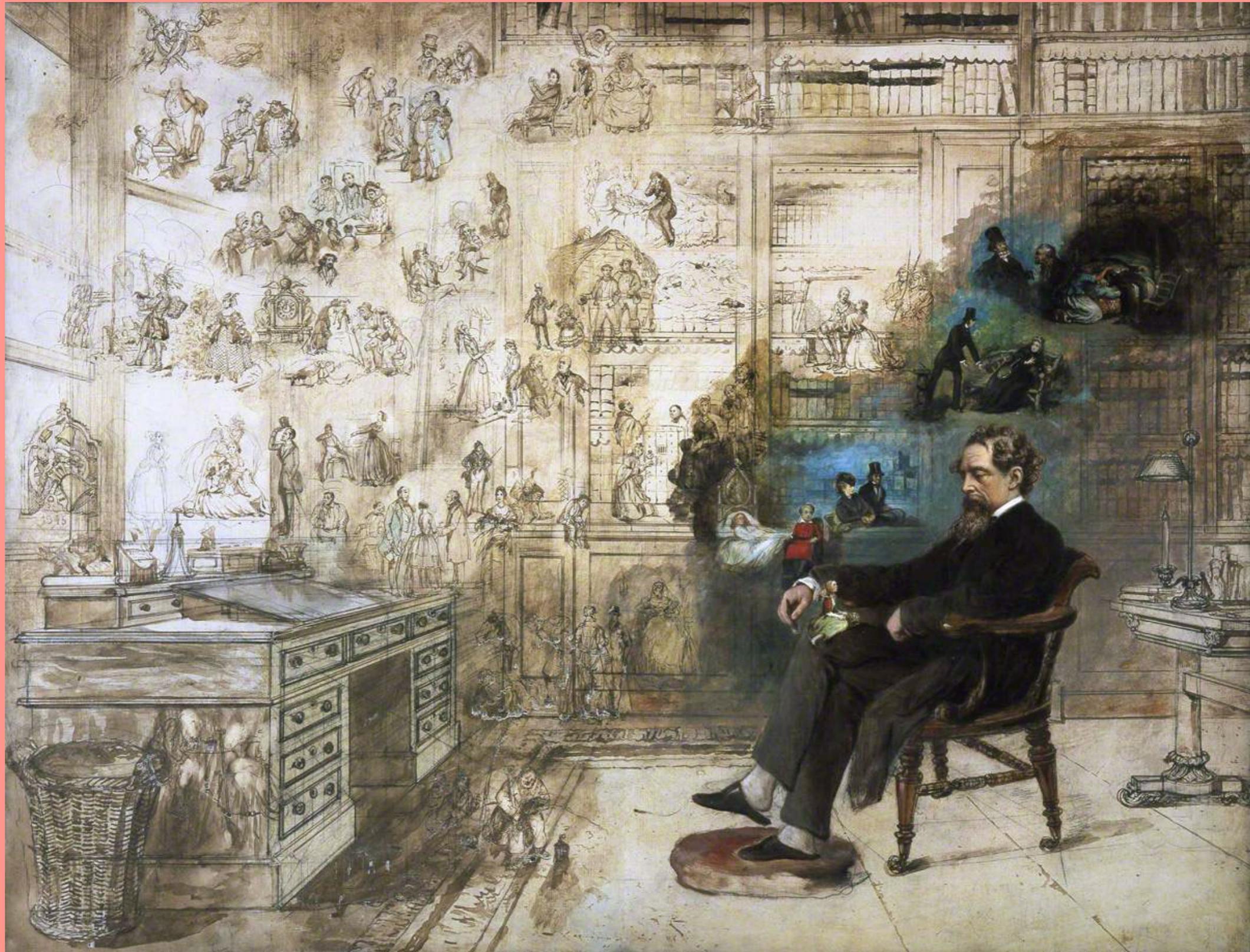
Ler vs *sonhar*

(i.e. escrever)

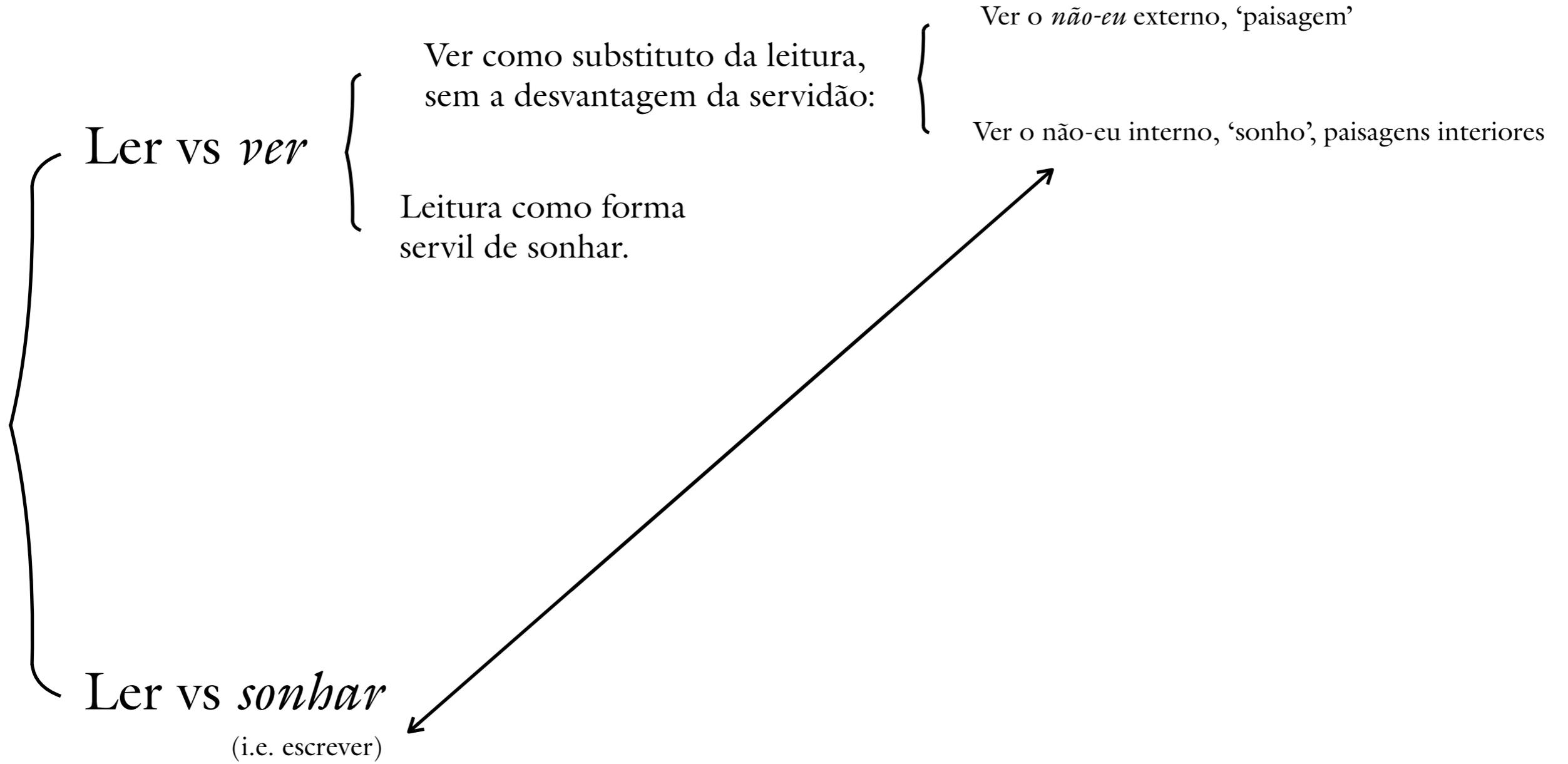
L do D, Maneira de Bem Sonhar

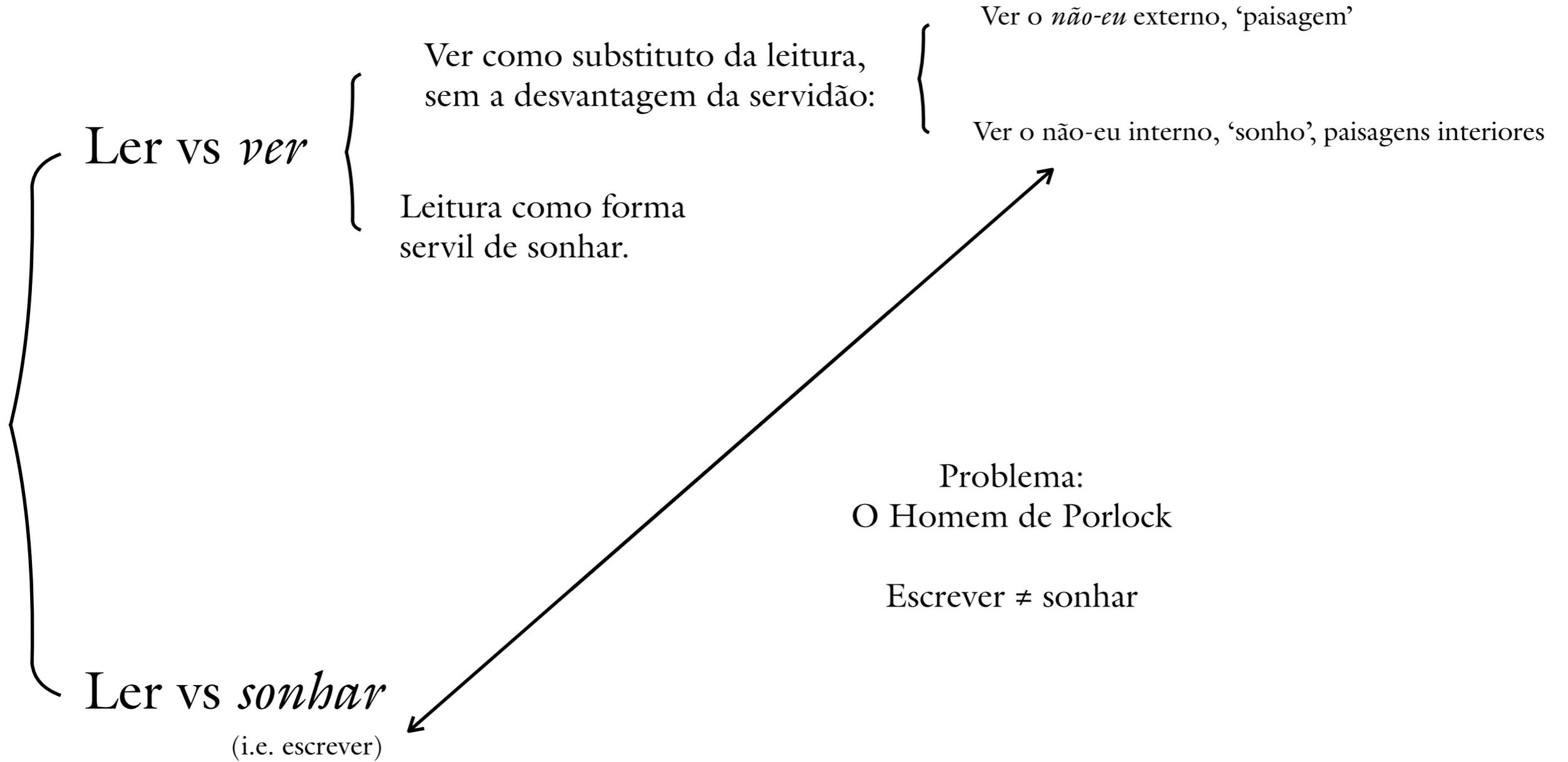


Repara bem que a obra que te propões fazer é no mais alto de tudo. **So-**
nhar é encontrarmo-nos. Vais ser o Colombo da tua alma. Vais buscar as suas
paisagens. Cuida bem pois em que o teu rumo seja certo e não possam errar os
teus instrumentos.



R.W. Buss, Dickens' Dream, 1875

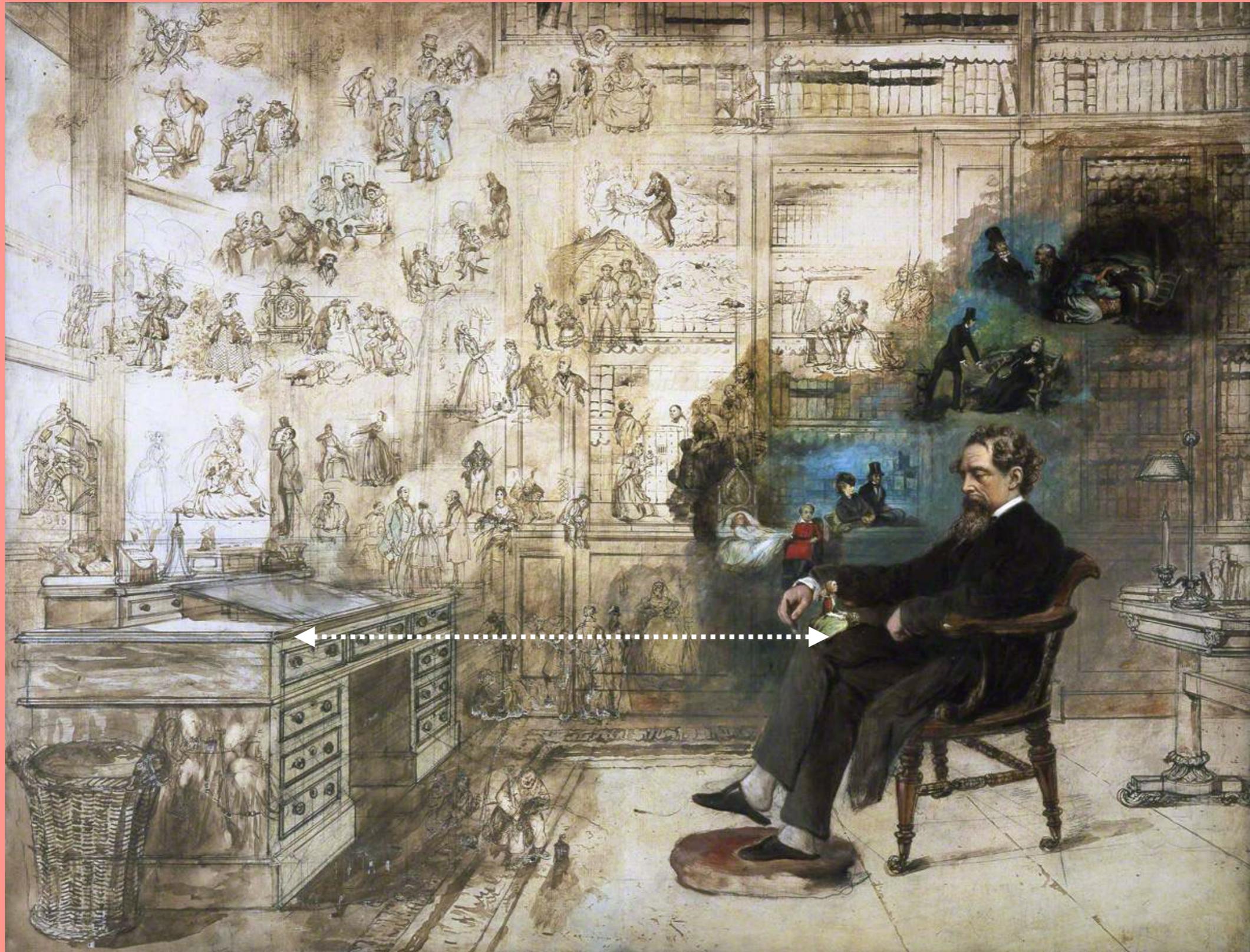




Escrever: acto descontínuo,
auto-interruptivo, *disjecta membra*

Sonho: visão totalizada,
contínua (enquanto dura)





R.W. Buss, Dickens' Dream, 1875

“Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu *vejo* diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Alvaro de Campos.”

— PESSOA, CARTA A ADOLFO CASAIS MONTEIRO, IT. DO AUTOR.

“Mais curioso é o caso do Fernando Pessoa, que não existe, propriamente falando. Este conheceu Caeiro um pouco antes de mim — em 8 de Março de 1914, segundo me disse. Nesse mes, Caeiro viera a Lisboa passar uma semana e foi então que o Fernando o conheceu. Ouviu ler o *Guardador de Rebanhos*. Foi para casa com febre (a d’elle), e escreveu, num só lance ou traço, a Chuva Obliqua — os seis poemas.”

— PESSOA/CAMPOS, NOTAS PARA A RECORDAÇÃO... (102-103)

A Chuva Obliqua não se parece em nada com qualquer poema do meu mestre Caeiro, a não ser em *certa rectilineidade do movimento rhythmico*. Mas o Fernando Pessoa era incapaz de *arrancar aquelles extraordinarios poemas do seu mundo interior* se não tivesse conhecido Caeiro. Mas, momentos depois de conhecer Caeiro, soffreu o abalo espiritual que produziu esses poemas. Foi logo. Como tem uma sensibilidade excessivamente prompta, porque acompanhada de uma intelligencia excessivamente prompta, o Fernando teve sem demora a reacção á Grande Vaccina — a vaccina contra a estupidez dos intelligentes. E o que ha de mais admiravel na obra do Fernando Pessoa é esse conjuncto de seis poemas, essa Chuva Obliqua.

“Sim, poderá haver ou vir a haver, coisas maiores na obra d’elle, mas mais originaes nunca haverá, mais novas nunca haverá, e eu não sei portanto se as haverá maiores. E, mais, não haverá nada de mais realmente Fernando Pessoa, de mais intimamente Fernando Pessoa. Que coisa pode exprimir melhor a sua sensibilidade sempre intellectualizada, a sua atenção intensa e desattenta, a subtileza quente da analyse fria de si mesmo, do que esses poemas-intersecções, onde o estado de alma é simultaneamente dois, onde o subjectivo e o objectivo, separados, se junctam, e ficam separados, onde o real e o irreal se confundem, para que fiquem bem distinctos. Fernando Pessoa fez nesses poemas *a verdadeira photographia da propria alma*. Num momento, num unico momento, conseguiu ter a sua individualidade — a que não tivera antes nem poderá tornar a ter, porque a não tem.?

Viva o meu mestre Caeiro!”

posto, que não nos damos licença que fique escrito. E o que de todos nós, artistas grandes ou pequenos, verdadeiramente sobrevive, – são fragmentos do que não sabemos que seja; mas que seria, se houvesse sido, a mesma expressão da nossa alma.

De Lisboa, 1911.

a

verdadeira photographia da propria alma.

“O Fernando Pessoa escreveu a fio — a fio, humanamente — aquelles poemas humanos e complicadissimos, elle, o Fernando Pessoa que, quando escreve uma quadra, emprega esforços de organização industrial para ver como ha de dispor atravez d’ella os dezassete raciocinios que ella é obrigada por lei a fazer; que, quando sente qualquer cousa, se põe logo a cortal-a com uma thesoura de cinco criticas, a embrulhar-se em porque é que o segundo verso contém um adjectivo dispar e em ver como é que não sendo “mas” bom portuguez naquella altura, vae conseguir que “senão” tenha uma syllaba só.

Este homem, tam inutilmente bem-dotado, vivendo constantemente na parabulia da sua complexidade, teve naquelle momento — tambem elle — a sua libertação.”

— PESSOA/CAMPOS, NOTAS PARA A RECORDAÇÃO... (106-107)

vel. Por um lado, a literatura tem uma afinidade constitutiva com a acção, com o acto livre e imediato que não conhece um passado; alguma da impaciência de Rimbaud ou de Artaud ecoa em todos os textos literários, por muito serenos e desprendidos que estes possam parecer. O historiador, na sua função de historiador, pode permanecer alheado dos actos colectivos que regista; a sua linguagem e os acontecimentos que a linguagem denota são entidades claramente distintas. Mas a linguagem do escritor é até certo ponto o produto da sua própria acção; é simultaneamente o historiador e o agente da sua própria linguagem. A ambivalência da escrita é tal que pode ser considerada ao mesmo tempo um acto e um processo interpretativo que se segue a um acto com que não pode coincidir. Enquanto tal, afirma e nega simultaneamente a sua natureza e especificidade próprias. Ao contrário do historiador, o escritor permanece tão proximamente implicado na acção que nunca se pode libertar da tentação de destruir tudo o que está entre si e os seus actos, especialmente a distância temporal que o torna dependente de um passado. O apelo da modernidade persegue toda a literatura. Revela-se em numerosas imagens e emblemas que aparecem em todos os períodos —na obsessão por uma *tabula rasa*, por novos princípios — cuja expressão recorrente pode encontrar-se em todas as formas de escrita. Nenhuma descrição verdadeira da linguagem literária pode ultrapassar esta tentação permanente que a literatura tem de se cumprir num único momento. A tentação da imediaticidade é constitutiva de uma consciência literária e tem de ser incluída numa definição da especificidade da literatura.

2.

*A curva da vida de
Alberto Caeiro*

10⁶ a
A obra de Caeiro divide-se, não só no livro, mas na verdade em três partes — *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e aquela terceira parte a que Ricardo Reis

pôs o nome autêntico de *Poemas Inconjuntos*. *O Pastor Amoroso* é um interlúdio inútil, mas os /poucos/ poemas que o compõem são dos grandes poemas de amor do mundo, porque são poemas de amor por serem de amor, e não por serem poemas. O poeta amou porque amou, e não porque há amor⁷, e foi isso mesmo que disse.

O Guardador de Rebanhos é a vida mental de Caeiro até a deligência levantar no cimo⁸ da estrada. Os *Poemas Inconjuntos* são já a descida. Distingo assim para mim próprio: há poemas dos *Poemas Inconjuntos* que eu imagino que talvez pudesse ter escrito. Não há giro da minha imaginação que me faça passar pelo sonho de poder ter escrito qualquer poema de *O Guardador de Rebanhos*.

Nos *Poemas Inconjuntos* há cansaço, e portanto diferença. Caeiro é Caeiro, mas Caeiro doente. Nem sempre doente, mas às vezes doente. Idêntico mas um pouco alheado. Isto aplica-se sobretudo aos poemas médios dessa terceira parte da sua obra.

Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a (...) de Abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em (...) de (...) de 1915. A sua vida, porém, decorreu quase toda numa quinta do Ribatejo (?); só os primeiros dois anos dela e os últimos meses foram passados na sua cidade natal. Nessa quinta isolada cuja aldeia próxima considerava por sentimento como sua terra, escreveu Caeiro^a quase todos os seus poemas primeiros, a que chamou^b *O Guardador de Rebanhos*, os do livro, ou o quer que fosse, incompleto, chamado *O Pastor Amoroso*, e alguns, os primeiros, de que eu mesmo, herdando-os para publicar, com todos os outros, reuni sob a designação, que Alvaro de Campos me lembrou^c, de *Poemas Inconjuntos*. Os últimos destes poemas, a partir daquele numerado ...^o, são porém produto do último período da vida do autor, de novo passada em Lisboa. Julgo de meu dever estabelecer esta breve distinção, pois alguns desses últimos poemas revelam, pela^d perturbação da doença, uma novidade um pouco estranha ao caracter geral da obra, assim em natureza como em direcção.

Mas nem mesmo Caeiro é invulnerável ao subjectivismo e à «névoa cristã», à «estupidez dos inteligentes», à visita de um homem de Porlock, ou do estranho-que-é-nós.

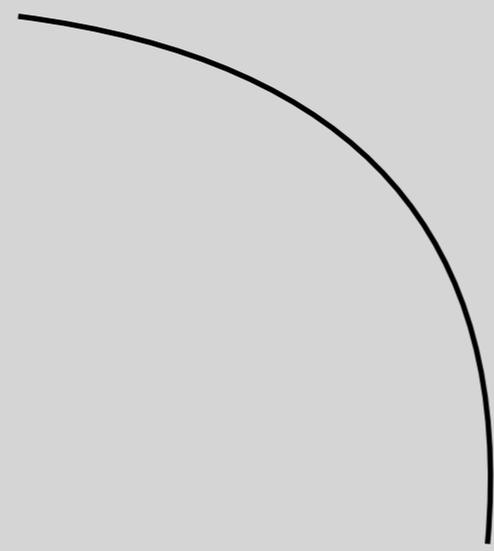
Apontarei o terceiro, que é o último, defeito. Não é esse, já, da obra no seu conjunto, porém **da trajectória** por ela seguida. Desculpo-o, porque a doença, e, antes dela, uma daquelas perturbações emotivas que o homem forte — e tal deve o pagão ser — mesmo na juventude não deve sentir, a provocaram. Refiro-me **ao caminho seguido pela inspiração de Caeiro, a partir do fim de *O Guardador de Rebanhos*** — isto é a contar dos dois pequenos poemas de *O Pastor Amoroso* até ao fim. **O cérebro do poeta torna-se confuso, a sua filosofia se entaramela, os seus princípios sofrem a derrota que, na indisciplina da alma, representa em espírito o que seja a vitória ignóbil de uma revolução de escravos. O leitor que tenha seguido a curva ascensional de *O Guardador de Rebanhos* verá, passado esse conjunto de poemas, como a inspiração se deteriora e se confunde. Não se desvia, propriamente: senão que sofre a intrusão de elementos estranhos a ela.** Que o amigo desculpe o crítico, quando ele se vê forçado a afirmar que o poeta morreu a tempo. É possível que mudasse para o a que chegara. Não sei. Toda a hipótese deste género é absurda, porque o que foi era o que tinha de ser, que assim o quiseram, sob a mão invisível do FADO, os deuses senhores da matéria do nosso mundo.

A viciação mental produzida por esse episódio amoroso, que, sobre ter sido estéril, foi perturbador, e cujos detalhes desconheço e desejo não conhecer, prosseguiu no espírito do poeta. Ficou o rasto viciado. Nunca mais, salvo em evanescentes episódios poéticos voltou aquela serenidade suprema, aquela visão de deus, a que, libertando-se pouco a pouco das acreções espirituais crististas, o poeta se havia liberado no decurso do caminho a que chamou *O Guardador de Rebanhos*.

Excuso de insistir, porque, tendo sobradamente explicado em que consiste a obra de Caeiro, implicitamente expliquei em que degenerou, quando degenerou. É-me grato ser-me excusado insistir em um ponto cuja meditação me magoa.

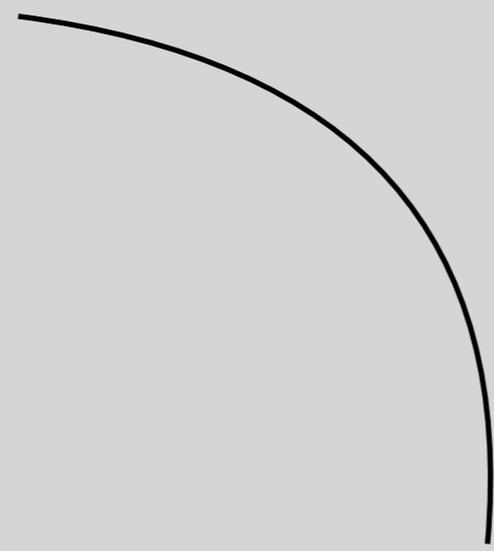
O GUARDADOR DE
REBANHOS

O GUARDADOR DE
REBANHOS

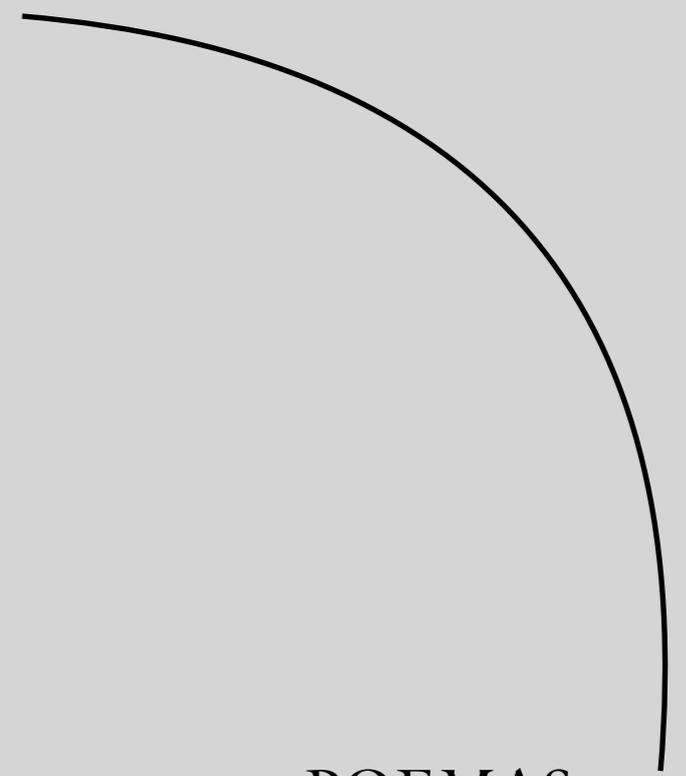


O PASTOR AMOROSO

O GUARDADOR DE
REBANHOS



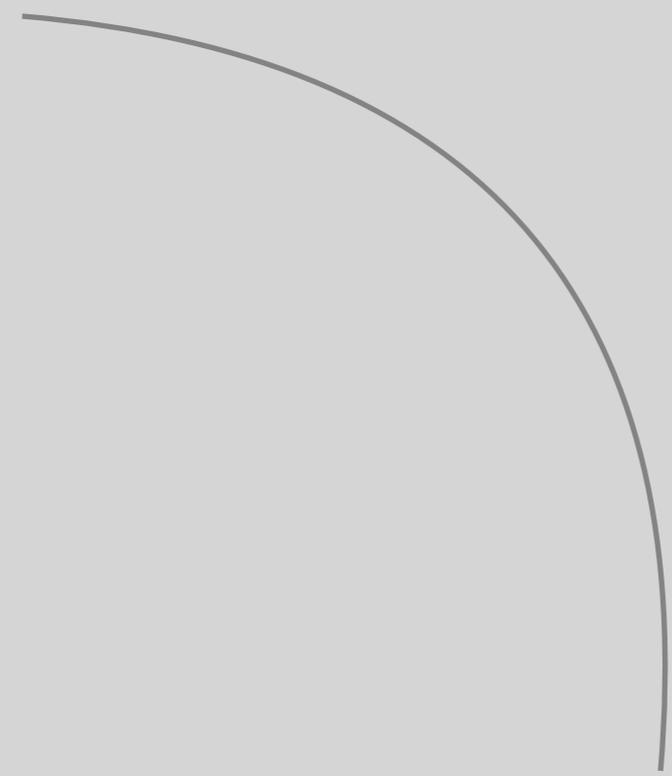
O PASTOR AMOROSO



POEMAS
INCONJUNTOS

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo
rectilíneo. Plena posse de si mesmo.



2.1

Objectivismo
absoluto

Caeiro, no seu objectivismo total, ou, antes, na sua tendência constante para um objectivismo total, é frequentemente mais grego que os próprios gregos. Duvido que grego algum escrevesse aquela frase culminante de *O Guardador de Rebanhos*,

A Natureza é partes sem um todo,

onde o objectivismo vai até à sua conclusão fatal e última, a negação de um Todo, que a experiência dos sentidos não autoriza sem a intromissão, para o caso externa, do pensamento. Aqui, como em outros pontos, é Caeiro, como digo, mais grego que os gregos.

O universo que Caeiro vê é o contrário do que vêem os homens do nosso tempo, os homens da nossa civilização desde que ela se formou na morte aparente do paganismo.

Para nos dar a substância absoluta do paganismo, tinha Caeiro que ser mais grego que os gregos, mais puramente objectivista que eles. É-o. Nenhum pagão poderia ter escrito aquele verso culminante de Caeiro, e, para mim, o verso culminante de toda a literatura:

A [Natureza é partes sem] um todo.

Simple, transposta, infantil, a obra é ainda informe: está cheia de contradições superficiais, de elementos estranhos à sua essência. Nem essa essência é nitidamente distinguível através das incorrecções. O próprio Caeiro com a sua maravilhosa lucidez, mental como visual, as nota, e nota os seus defeitos, e os explica para que o desculpemos. Ele sabe que o seu paganismo é dito em um hoje de cristãos; que o seu pensamento pagão aparece através de um meio cristão, e que há a diferença portanto com que é preciso contar.

He is so novel that it is sometimes hard to conceive clearly all his novelty. He is too new, and his excessive novelty troubles our vision of him, as all excessive things trouble vision, though it is quite a novelty for novelty itself to be the thing to be excessive and vision-troubling. But that is the remarkable thing. Even novelty and the way of being new are novelties in Caeiro. He is different from all poets in another way than all great poets are different from other great poets. He has his individuality in another way of having it than all poets preceding him. Whitman is quite inferior in this respect. To explain Whitman, even on a basis admitting him all conceivable originality, we need but think of him as an intense liver^a of life²⁹ and his poems come out of that like flowers from a shrub. But the same method does not hold about Caeiro. Even if we think of him as a man who lives outside civilization (an impossible hypothesis, of course), as a man of an exceptionally clear vision of things, that does not logically produce in our minds a result resembling *The Keeper of Sheep*. The very tenderness for things as mere things which characterises the type of man we have supposed (posited) does not characterise Caeiro. He sometimes speaks tenderly of things, but he asks our pardon for doing so, explaining that he only speaks so in consideration of our «stupidity of senses», to make us feel «the absolutely real existence» of things. Left to himself, he has no tenderness of things, he has hardly any tenderness even for his sensations. Here we touch his great originality, his almost inconceivable objectiveness (objectivity). He sees things with the eyes only, not with the mind. He does not let any thoughts arise when he looks at a flower. Far from seeing sermons in stones, he never even let himself conceive a stone as beginning

a sermon. The only sermon a stone contains for him is that it exists. The only thing a stone tells him is that it has nothing at all to tell him. A state of mind may be conceived resembling this. *But it cannot be conceived in a poet*³⁰. This way of looking at a stone may be described as the totally unpoetic way of looking at it. The stupendous fact about Caeiro is that out of this sentiment, or rather, absence of sentiment, he makes poetry. He

Thomas Crosse, 'Introduction to AC's poems' p. 223

Caeiro is the pure and absolute sensationist who bows down to sensations *quâ exterior and admits no more*. Ricardo Reis is less absolute he bows

the essential and objective, but the deductible and subjective part of his attitude is a disease. *Sensation is all, Caeiro holds, and thought is a disease. By sensation Caeiro means the sensation of things as they are, without adding to it any elements from personal thought, convention, sentiment or any other soul-place*. For Campos, sensation is indeed all but not necessa-

Thomas Crosse, 'Introduction to AC's poems' p. 224

FASE HERÓICA: O VERSO LIVRE ESTILO RECTILÍNEO — OBJECTIVISMO ABSOLUTO

A única coisa que pode fazer sobre o verso livre é a individualidade rítmica, que o poeta pode nele exprimir. Nos grandes cultores, nos legítimos cultores do verso livre, o *tom interior* do verso, o seu ritmo espiritual varia de poeta para poeta. Para a plebe dos rimadores o verso livre não é senão uma demonstração a mais do que não deve ter entrada no poema.

Nos versos livres de um Blake, nos de um Whitman há um som diferente, uma curva distinta. Dir-se-iam escritos em ritmos diferentes, embora nem uns, nem outros, estejam escritos, no que convencionalmente se possa designar qualquer espécie de ritmo. Semelhantemente no único grande cultor português do verso livre⁵, o sr. Álvaro de Campos, uma individualidade se sente nítida e pessoal, na maravilhosa técnica estrófica que se mostra através da, puramente aparente, descoordenação daquela arritmia.

O mesmo sucede com Alberto Caeiro. O seu verso livre não tem nem o ritmo bíblico, monótono dos versos dos livros proféticos de Blake; nem aquele/estudadamente andante/ que, como êxito ritmista, procurava Southey, Shelley, /Mathew Arnold/; nem o de Whitman, dogmático e espaçoso, como uma planície ao sol; nem o de Álvaro de Campos fortemente contido dentro de um conceito nitidamente sinfónico da *Ode*. O de Caeiro é brusco, absolutamente directo, rectilíneo sempre.

Mas aqui, se originalidade se mostra, é uma originalidade no inferior. Onde Caeiro é deveras grande é na estrutura interna dos seus poemas, no conceito filosófico de todo o poeta novo, que subjaz à juvenilidade que o caracteriza.

Caeiro é, em filosofia, o que ninguém foi: um objectivista absoluto.

Inventou os processos poéticos *de todos os tempos*. Reparai bem no que digo — *de todos os tempos*. Inventou os processos filosóficos da nossa época, indo além da pura ciência em objectividade. Quebrou com todos os sentimentos que têm sido posse da poesia e do pensamento humanos.

Caeiro é, em filosofia, o que ninguém foi: **um objectivista absoluto.**
Inventou os processos poéticos *de todos os tempos.* Reparai bem no que digo — *de todos os tempos.* Inventou os processos filosóficos da nossa época, indo além da pura ciência em objectividade. Quebrou com todos os sentimentos que têm sido posse da poesia e do pensamento humanos.

Nada o demonstra melhor que um verso que é talvez o supremo da sua obra.

«A Natureza é partes sem um todo»

Objectivismo absoluto como o oposto da “parabulia da complexidade” de Fernando Pessoa, assim como da ‘dicção poética’ criticada por Wordsworth (mera mastigação).

Em que é que este homem pode ser aquilo que eu disse que ele era — o reconstrutor do sentimento pagão?

O caso só parecerá confuso a quem, como o geral dos meus contemporâneos, como, aliás, o geral dos nossos contemporâneos, de todo ignore qual seja a nova ideativa da atitude característica do paganismo.

Como todos os poetas universais Caeiro é de uma simplicidade absoluta. Nada, como os seus versos, vive tão longe dos modernos inventores de sensações, dos subtilizadores de sentimentos simples, dos que mastigam a própria alma até a terem que desconhecer — polpa amorfa de sensações indefinidas.

Em que é que este homem pode ser aquilo que eu disse que ele era — **o reconstrutor do sentimento pagão?**

O caso só parecerá confuso a quem, como o geral dos meus contemporâneos, como, aliás, o geral dos nossos contemporâneos, de todo ignore qual seja a nova ideativa da atitude característica do paganismo.

Como todos os poetas universais Caeiro é de uma simplicidade absoluta. Nada, como os seus versos, vive tão longe dos modernos inventores de sensações, dos subtilizadores de sentimentos simples, dos que mastigam a própria alma até a terem que desconhecer — polpa amorfa de sensações indefinidas.

Prefácio de Ricardo Reis, p. 29

– são fragmentos do que não sabemos que seja; mas que seria, se houvesse sido, a mesma expressão da nossa alma.

Pudéssemos nós saber ser crianças, para não ter quem nos visitasse, nem visitantes que nos sentíssemos obrigados a atender! Mas não queremos fazer esperar quem não existe, não queremos melindrar «o estranho» – *que é nós*. E assim, do que poderia ter sido, fica só o que é, – do poema, ou dos *opera omnia*, só o princípio e o fim de qualquer coisa perdida – *disjecta membra* que, como disse Carlyle, é o que fica de qualquer poeta, ou de qualquer homem.

Mesmo, porém, que nada em tudo isto fosse verdade, e que esta obra nada tivesse de original, de profundamente novo, restaria por certo, e isso é inegável, no meio das obras poéticas da nossa época, que ou a introspecção excessiva torna estéreis, ou a preocupação da violência torna absurdas, ou o prejuízo social põe longe da arte, um manancial de pureza e de frescor. Quando mais não pudéssemos ir buscar à obra de Caetano, poderíamos sempre ir lá buscar a Natureza. Cheia de pensamento, ela livra-nos de toda a dor de pensar. Cheia de emoção, ela liberta-nos do peso inútil de sentir. Cheia de vida, ela põe-nos aparte do peso irremediável da vida que é forçoso que vivamos.

“O Junqueiro nem é um poeta. É um arranjador de frases. Tudo nele é ritmo e métrica.”

— Entrevista com Caeiro (Poesia, ed. Zenith, 108-109)

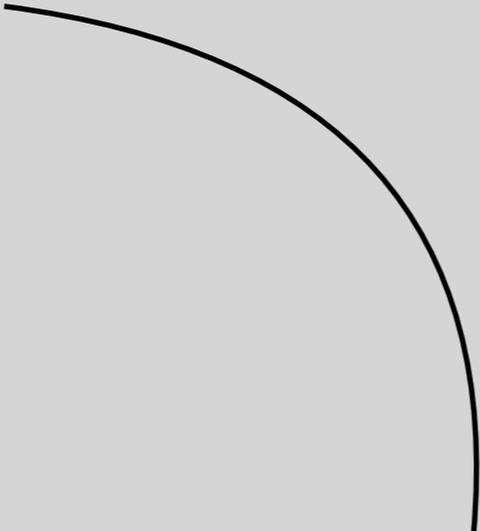
a

A diferença substancial entre o paganismo e os sistemas índios e cristista repercute-se, manifesta-se, como na metafísica e na ética, na estética também.

Um sistema religioso, como o cristista, em que tomam /sobrado/ relevo os sentimentos íntimos de cada indivíduo, em que o interesse do espírito se concentra em seus próprios movimentos, não devia ter outra acção estética — pelo menos fundamentalmente — que não fosse a da *expressão dos sentimentos íntimos*, que não fosse a *confissão da alma*. O artista cristão busca, acima de tudo, *exprimir o que sente*. Nisto reside a substância da sua doutrina estética. Ela sofreu, é certo, em certos períodos, e mormente em o chamado Renascença, um correctivo pagão. Mas a pura estética cristista não é a estética pagã, cujo sentido em breve veremos; é a da *expressão*, substancialmente.

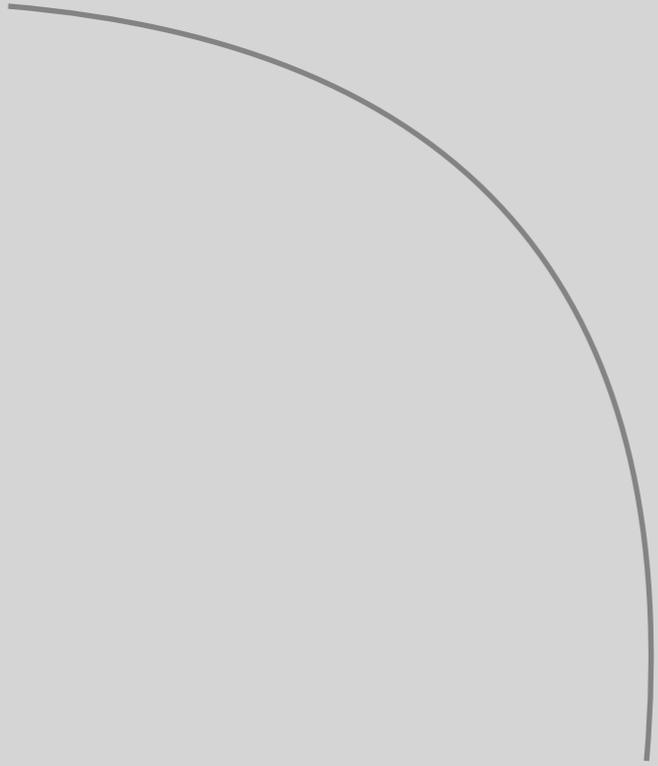
Por certo que a obra tem defeitos⁶, e defeitos que, sendo para mim bem patentes, não empanam, salvo no pouco em que a empanam, a cintilação da obra.

Rasgou Caeiro a névoa cristã, que encobre a natureza e as emoções que nascem dela. Mas nem rasgou inteiramente essa névoa, nem de todo a conseguiu erguer de diante dos seus próprios olhos. Ambas as incompletiões eram de esperar. Que não rasgasse de todo esta névoa, era certo de antemão, pois isso não podia ser obra de um homem, senão de gerações de homens, que nem só uma bastaria. Que a não afastasse de todo de diante dos seus próprios olhos, também era de esperar; pois na alma dele, como na de todos nós, jazia, mau grado a aspiração para o objectivismo, o fermento subjectivista cristão, que, sem que por tal dêmos, forma parte consubstanciada da essência do nosso ser espiritual. O mais pagão de nós tem de exprimir-se em uma linguagem cristã, porque as palavras nas suas relações entre si, e o sentido de cada uma de *per se*⁷ estão cristianisadas. Como não falamos já grego, também não pensamos grego. Por isso na obra de Caeiro aparecem alguns elementos que, embora não escondam a sua essência, todavia a contradizem. Enumerarei esses elementos.



O PASTOR AMOROSO

O poeta torna-se confuso,
perde a objectividade.



2.2

Episódio amoroso

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo...
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima.
Vejo melhor os rios quando vou contigo
Pelos campos até à beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor...
Tu não me tiraste a Natureza...
Tu não me mudaste a Natureza...
Trouxeste-me a Natureza para ao pé de mim.
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as cousas.

Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.
Só me arrependo de outrora te não ter amado.

As considerações, que tenho feito, considero-as sobretudo aplicáveis a *O Guardador de Rebanhos*. A outra parte da obra de Caeiro, que não constitui senão fragmentos, tenho-a por póstuma mesmo na sua composição. Desde

O Pastor Amoroso, a sensibilidade de Caeiro empana-se, a sua inteligência anuvia-se, e, embora do contacto dessa complexidade nascente com a essencial simplicidade do temperamento nasça esse estranho e original sabor que tais poemas revelam, a obra, grande embora, não é já a mesma. Por um lado, falta-lhe o equilíbrio e a lucidez absoluta que são todo o valor real da obra primitiva; por outro lado, no que conservara de rigorosamente semelhante a *O Guardador de Rebanhos*, não fazem senão repeti-lo, numa forma sempre superior intelectualmente, mas com um conteúdo nem sempre suficientemente novo para que justifique que esses poemas se escrevam estando já escrito *O Guardador de Rebanhos*.

O próprio estado amoroso, embora natural, não é o estado próprio para a fixação de impressões que a arte é, salvo no caso dos raros artistas que conseguem ter constantemente mão em si, e a quem a inteligência tem sempre rédea na emoção. Mas esses mesmos, por certo, não ordenam como colunas de algarismos as suas emoções sexuais.

O temperamento metafísico de Caeiro menos apto estava a receber as emoções amorosas, que, sobre serem já de si perturbadoras, mais o eram para um temperamento em que eram estranhas. Daí a momentânea abdicação dos seus princípios e da sua objectividade nativa nos dois poemas de *O Pastor Amoroso*. Como não há-de um amoroso olhar para dentro de si?

(...) E se desejo às vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do Sol
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho,
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

(...)

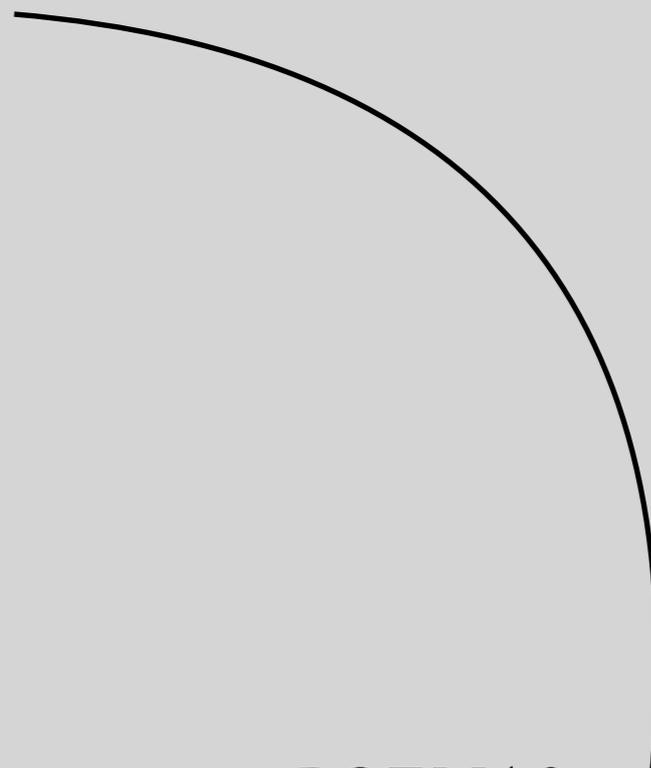
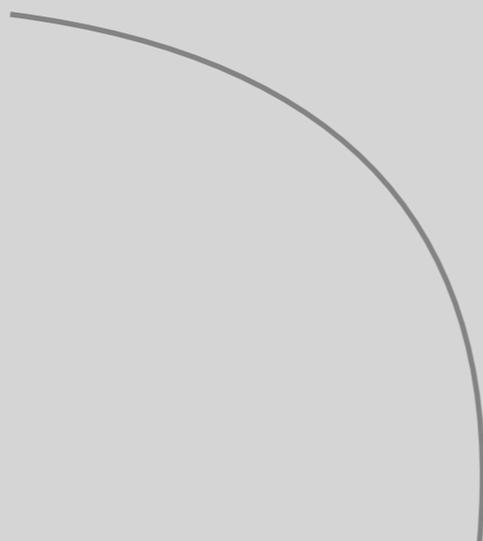
Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos, excerto do poema I.

[VIII]

O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
/Ninguém lhe apareceu ou desapareceu/... Nunca mais encontrou o cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.
Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos vários verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,
A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que estão presentes,^a
(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco nos pulmões)
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade^b no peito.

10 - 7 - 1930

Mas isto são maneiras de dizer,
Que ainda trazem engano nas frases.
Eu era só, eu fiquei só, eis tudo.¹³



POEMAS INCONJUNTOS

Um esforço pelo estilo rectilínea: perda da naturalidade; um árduo combate consigo mesmo, de que resultam fragmentos, *disjecta membra*.

2.3

Poemas Inconjuntos

A viciação mental produzida por esse episódio amoroso, que, sobre ter sido estéril, foi perturbador, e cujos detalhes desconheço e desejo não conhecer, prosseguiu no espírito do poeta. Ficou o rasto viciado. Nunca mais, salvo em evanescentes episódios poéticos voltou aquela serenidade suprema, aquela visão de deus, a que, libertando-se pouco a pouco das acreções espirituais crististas, o poeta se havia liberado no decurso do caminho a que chamou *O Guardador de Rebanhos*.

Excuso de insistir, porque, tendo sobradamente explicado em que consiste a obra de Caeiro, implicitamente expliquei em que degenerou, quando degenerou. É-me grato ser-me excusado insistir em um ponto cuja meditação me magoa.

Cada personalidade dessas — reparai — é perfeitamente una consigo própria, e, onde há uma obra disposta cronologicamente, como em Caeiro e Álvaro de Campos, a evolução da pessoa moral e intelectual do autor é perfeitamente definida.

Vede como isto se dá em Caeiro. Da limpidez primitiva (que nunca, eu, logrei compreender ou sentir) da impressão nativa, a evolução é directa, adentro de *O Guardador de Rebanhos*, para a aprofundação filosófica. O pequeno episódio — expressivo de qualquer realidade do autor, que ignoro — de *O Pastor Amoroso* intervém e diferencia. Depois, com a vinda da doença, a perfeita lucilação imaginativa ou sensível se apaga, e temos, nos poemas fragmentários finais do livro, em certo ponto ainda a continuação do aprofundamento, pela evolução do espírito do poeta, em outros pontos uma turbação da obra, pela doença final, real como as minhas mãos, a que, com mágoa minha que chorei em lágrimas, o grande poeta socumbiu.

As considerações, que tenho feito, considero-as sobretudo aplicáveis a *O Guardador de Rebanhos*. A outra parte da obra de Caeiro, que não constitui senão fragmentos, tenho-a por póstuma mesmo na sua composição. Desde

O Pastor Amoroso, a sensibilidade de Caeiro empana-se, a sua inteligência anuvia-se, e, embora do contacto dessa complexidade nascente com a essencial simplicidade do temperamento nasça esse estranho e original sabor que tais poemas revelam, a obra, grande embora, não é já a mesma. Por um lado, falta-lhe o equilíbrio e a lucidez absoluta que são todo o valor real da obra primitiva; por outro lado, no que conservara de rigorosamente semelhante a *O Guardador de Rebanhos*, não fazem senão repeti-lo, numa forma sempre superior intelectualmente, mas com um conteúdo nem sempre suficientemente novo para que justifique que esses poemas se escrevam estando já escrito *O Guardador de Rebanhos*.

3

Curva paralela

Comparar os termos da
descrição da trajetória da
cultura ocidental segundo
os textos do neopaganismo

3.1

com os termos de
'Personal notes'

PERSONAL NOTES

Fernando Pessoa

ca. 1910?

Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Fernando Pessoa.
(Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e
Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966. - 20.

“I have outgrown the habit of reading. I no longer read anything except occasional newspapers, light literature and casual books technical to any matter I may be studying and in which simple reasoning may be insufficient.

The definite type of literature I have almost dropped. I could read it for learning or for pleasure. But I have nothing to learn, and the pleasure to be drawn from books is of a type that can with profit be substituted by that which the contact with nature and the observation of life can directly give me.

I am now in full possession of the fundamental laws of literary art. Shakespeare can no longer teach me to be subtle, nor Milton to be complete. My intellect has attained a pliancy and a reach that enable me to assume any emotion I desire and enter at will into any state of mind. For that which it is ever an effort and an anguish to strive for, completeness, no book at all can be an aid.

This does not mean that I have shaken off the tyranny of the literary art. I have but assumed it only under submission to myself.”

“I have one book ever by me — *Pickwick Papers*. I have read Mr. W. W. Jacobs’ books several times over. The decay of the detective story has closed for ever one door I had into modern writing.

I have ceased to be interested in merely clever people — Wells, Chesterton, Shaw. The ideas these people have are such as occur to many non-writers; the construction of their works is wholly a negative quantity.

There was a time when I read only for the use of reading. I now have understood that there are very few useful books, even in such technical matters as I can be interested in.

Sociology is wholesale [bundle]; who can stand this scholasticism in the Byzantium of today? All my books are books of reference. I read Shakespeare only in relation to the «Shakespeare Problem»: the rest I know already.

I have found out that reading is a slavish sort of dreaming. If I must dream, why not my own dreams?”

com demasiada noção do risco e da utilidade. O nosso humanitarismo é incompletos e infecundos. Nascemos escravos. O nosso humanitarismo é uma grilheta que nos pusemos. Não sabemos mandar. Não sabemos sentir, não sabemos sequer ver. Há mais de vinte séculos que seguimos um caminho errado, e nem esse seguimos persistentemente.

Já não sabemos regressar ao que nunca devíamos ter deixado. O nosso helenismo nada adivinha ou percebe da Grécia Antiga. O nosso amor ao império romano é uma doença dos mais doentes entre nós. As próprias perversões e crimes dos impérios idos são incompreendidos por nós. Julgamos que são como os nossos. Amamos na antiguidade o que ela tem das nossas consciências, mas ela nada tem da nossa consciência. A nossa ignorância é profundíssima e a nossa (...).

sado que foi para o bizantinismo sociológico dos democratas, dos socialistas e dos anarquistas. O que era tendência imperialista, impulso para a absorção, esvaziou-se como fenómeno cristista: passou para o campo político, e a febre de domínio que agita as tresloucadas sociedades contemporâneas é ainda um fermento cristão, deslocado do seu lugar religioso. Assim, o cristismo se decompõe passando, como em todas as decadências, os seus elementos componentes a ter uma vida própria, a agir separados do corpo a que pertenciam, e que formavam.

Ou estamos, portanto, em uma decadência final da nossa civilização; ou estamos apenas em um ponto dela em que se vai desfazer do cristismo. Se

Assim o cristismo não só se desfaz, senão que as partes, em que se desfaz, umas às outras, por sua vez, se desfazem. Em vinte séculos de domínio das almas o cristismo não conseguiu nem impor-se nem desfazer-se, e tudo quanto tem feito, tem sido feito por séries de reacções contra ele, como na imperfeita reacção humanista, quase neopagã, da Renascença, e a abjecta reacção neo-humanitária da Revolução Francesa.

* Isto sai direitinho da correspondência de Flaubert.

3.2

o sentido de
'Decadência' em
Bernardo Soares

1.

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido — sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertenço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêem só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerei que Deus, sendo improvável, poderia ser, podendo pois dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera ideia biológica, e não significando mais que a espécie animal humana, não era mais digna de adoração do que qualquer outra espécie animal. Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivescência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses, ou os deuses tinham cabeças de animais.

Assim, não sabendo crer em Deus, e não podendo crer numa soma de animais, fiquei, como outros da orla das gentes, naquela distância de tudo a que comumente se chama a Decadência. A Decadência é a perda total da inconsciência; porque a inconsciência é o fundamento da vida. O coração, se pudesse pensar, pararia.

3.3

a curva da vida de Caeiro vs o
“desenvolvimento lógico” das
civilizações

Paralelo entre Caeiro e o «desenvolvimento lógico das civilizações»

Ignorante da vida e quase ignorante das letras, quase sem convívio nem cultura, fez Caeiro a sua obra por um progresso imperceptível e profundo, como aquele que dirige, através das consciências inconscientes dos homens, o desenvolvimento lógico das civilizações. Foi um progresso de sensações, ou, antes, de maneiras de as ter, e uma evolução íntima de pensamentos derivados de tais sensações progressivas.

Por uma intuição sobre-humana, como aquelas que fundam religiões para sempre, porém a que não assenta o título de religiosa, por isso que como repugnam o sol e a chuva, repugna toda a religião e toda a metafísica, este homem descobriu o mundo sem pensar nele, e criou um conceito do universo que vai contra nossas interpretações.

Note-se, de novo, o tropo da supressão da anterioridade.

Tenha-se presente sempre que nascer pagão representa nascer-se livre de mais de vinte séculos de civilização cristã, porque as influências que finalmente se revelaram no cristismo estavam de havia muito, em acção nos países do paganismo. Isto não é impossível, porque nada é impossível.

várias tenha havido com sobradas pretensões nesse respeito. Não exemplifiquemos exaustivamente, que a tarefa, sobre ser inútil, seria penosamente longa. Enumerar todo o lixo cristão com pretensões pagãs dos Matthew Arnolds, dos Oscar Wildes e dos Walter Paters do baixo-cristismo, seria enfadonho e desolador. Esta gente julgava estar com os antigos quando ia de encontro ao cristismo por o que elas [sic] chamariam razões estéticas; não passam de discípulos cristãos, nem sequer do paganismo, mas apenas de certas escolas filosóficas que o paganismo produziu. Epicuristas cristãos, hedonistas católicos, estóicos de um pórtico judeu, deixemo-los na podridão estulta dos que quiseram aceitar os deuses sem saber de que matéria eles eram feitos, dos que quiseram seguir os filósofos da antiguidade, no que eles tinham de essencial, sem saber o que é que eles tinham de essencial, nem por que caminho iam.

a

Das tentativas de paganismo, que o século passado produziu, não há uma que não sofra de ser cristã. Mesmo Walter Pater, que unia a um perfeito entendimento do paganismo, um perfeito desejo de ser pagão, não passou de um cristão doente com ânsias de paganismo.

Os estetas modernos, que afectam um paganismo porque julgam que não são cristãos, caem em um erro. Continuam sendo cristãos. São cristãos na sua moral quando a tenham, ou na sua imoral (*sic*) quando a mostrem. Porque o que contrapõem ao cristismo não é a moral pagã, que é de disciplina e de harmonia; o que contrapõem à moral cristã é a imoral cristã; o que contrapõem ao cristismo é o nada, o não-cristismo, a incapacidade.

A moral cristã é a moral da fraqueza (?) e da incompetência, a metafísica do cristismo é a metafísica da falta de atenção e de concentração; a estética do cristismo é a estética do predomínio da sensibilidade sobre a inteligência. O cristismo é a inversão dos valores humanos. Não submergiu a sociedade, porque a sociedade tem, na sua própria constituição como tal, a maior defesa contra o cristismo. Não matou a vida humana, porque, para ser vida, ela tem que não deixar-se morrer. O cristismo nasceu na época da decadência romana. Ainda, na sua forma católica — a mais abjecta de todas, porque o protestantismo de certo modo impôs uma disciplina por via do seu latente paganismo nórdico — a religião cristã é uma religião da decadência romana. Quem vive dentro do cristianismo, vive ainda no império romano em decadência. Da sua origem o cristismo guarda os seus característicos. O que o berço dá a tumba o leva.

Assim, se o cristismo não é senão a extrema degeneração do paganismo greco-romano, a sua perversão a tal ponto, que nela o desconhecemos, a inversão dos seus princípios e a negação dos seus intuitos, isto significa, em todo o caso, que substrativamente existe esse paganismo, que, deformado, errado ou desviado, ele todavia não morreu de todo. É ele que é tipicamente a nossa civilização. Onde ele aparece reciviliza-mos-nos; quando desaparece, vem a rebarbarização.

Assim, nós vemos que a Renascença consegue o seu relativo vulto fincando-se sobre os elementos pagãos do catolicismo, subtraindo-os, mais ou menos, do cristismo superveniente. Ninguém dirá, se quiser acertar, que o poema de Alighieri é feito de outro modo, que não por um aproveitamento, meio instintivo, meio consciente, do paganismo católico, do paganismo sob o cristismo católico. O elemento monoteísta recede; com ele o elemento moralista esvai-se. Por isso a Reforma, ao mesmo tempo que é um prolongamento da Renascença (porque é uma continuação do esfacelamento do cristismo que na Renascença começou) é a sua negação, pois que o vago dos espíritos nórdicos, incapaz de chamar a si deveras o paganismo subjacente no cristismo, chama a si a parte vaga do cristismo, o monoteísmo com o seu moralismo duro, e assim se contrapõe à tentativa pagã da Renascença. Assim se formou a Reforma.

A diferença substancial entre o paganismo e os sistemas índios e cristista repercute-se, manifesta-se, como na metafísica e na ética, na estética também.

Um sistema religioso, como o cristista, em que tomam /sobrado/ relevo os sentimentos íntimos de cada indivíduo, em que o interesse do espírito se concentra em seus próprios movimentos, não devia ter outra acção estética — pelo menos fundamentalmente — **que não fosse a da *expressão dos sentimentos íntimos*, que não fosse a *confissão da alma*. O artista cristão busca, acima de tudo, *exprimir o que sente*. Nisto reside a substância da sua doutrina estética.** Ela sofreu, é certo, em certos períodos, e mormente em o chamado Renascença, um correctivo pagão. Mas a pura estética cristista não é a estética pagã, cujo sentido em breve veremos; é a da *expressão*, substancialmente.

Toda a nossa civilização é a revolta do paganismo contra o cristianismo. Começando na filosofia (Rousseau) passou à política e daí à sensibilidade geral.

O paganismo reagiu parcialmente na Renascença, reagiu parcialmente nos séculos que lhe sucederam. Em Caeiro o paganismo reage essencial e integral sem os Deuses, é certo, mas com toda a Inteligência e a sensibilidade pagãs, a objectividade absoluta no pensamento (...).

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo rectilíneo. Plena posse de si mesmo.

O PASTOR AMOROSO

Caeiro apaixona-se: perde a clareza; perde a objectividade; adquire uma consciência (ilusória, diriam os seus discípulos) do valor da sua vida.

POEMAS INCONJUNTOS

Um esforço pelo estilo rectilíneo: perda da naturalidade; um árduo combate consigo mesmo, de que resultam fragmentos, *disjecta membra*.

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo rectilíneo. Plena posse de si mesmo.

Weltanschauung grega, antiga, pagã.

O PASTOR AMOROSO

Caeiro apaixona-se: perde a clareza; perde a objectividade; adquire uma consciência (ilusória, diriam os seus discípulos) do valor da sua vida.

POEMAS
INCONJUNTOS

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo rectilíneo. Plena posse de si mesmo.

Weltanschauung grega, antiga, pagã.

A vinda de Cristo, prefigurada já pelo Império Romano. Weltanschauung cristã. Amar o próximo, etc.

O PASTOR AMOROSO

Caeiro apaixona-se: perde a clareza; perde a objectividade; adquire uma consciência (ilusória, diriam os seus discípulos) do valor da sua vida.

POEMAS
INCONJUNTOS

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo rectilíneo. Plena posse de si mesmo.

Weltanschauung grega, antiga, pagã.

A vinda de Cristo, prefigurada já pelo Império Romano. Weltanschauung cristã. Amar o próximo, etc.

O PASTOR AMOROSO

Caeiro apaixonava-se: perde a clareza; perde a objectividade; adquire uma consciência (ilusória, diriam os seus discípulos) do valor da sua vida.

O declínio da civilização, com breves, mas falsos, episódios de clareza* (os Da Vinci, os Nietzsches, os Hegels, os Walter Paters, os Oscar Wildes, etc.)

POEMAS INCONJUNTOS

Morte do poeta. 🦴

O GUARDADOR DE REBANHOS

Objectivismo absoluto. Clareza. Estilo rectilíneo. Plena posse de si mesmo.

Weltanschauung grega, antiga, pagã.

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, SEGUNDO O NEOPAGANISMO

(ver esp. Pessoa, Reis, Mora —e o paralelo em Soares.)

A vinda de Cristo, prefigurada já pelo Império Romano. Weltanschauung cristã. Amar o próximo, etc.

O PASTOR AMOROSO

Caeiro apaixonava-se: perde a clareza; perde a objectividade; adquire uma consciência (ilusória, diriam os seus discípulos) do valor da sua vida.

O declínio da civilização, com breves, mas falsos, episódios de clareza* (os Da Vinci, os Nietzsches, os Hegels, os Walter Paters, os Oscar Wildes, etc.)

POEMAS INCONJUNTOS

Morte do poeta. 🦴

CLAREZA PAGÃ

CULTURA
OCIDENTAL

PERDA DE
OBJECTIVIDADE
CRISTÃ

«DECADÊNCIA»

ALBERTO
CAEIRO

A MODERNIDADE
FRACTURADA

**CULTURA
OCIDENTAL**

CLAREZA PAGÃ

PERDA DE
OBJECTIVIDADE
CRISTÃ

«DECADÊNCIA»

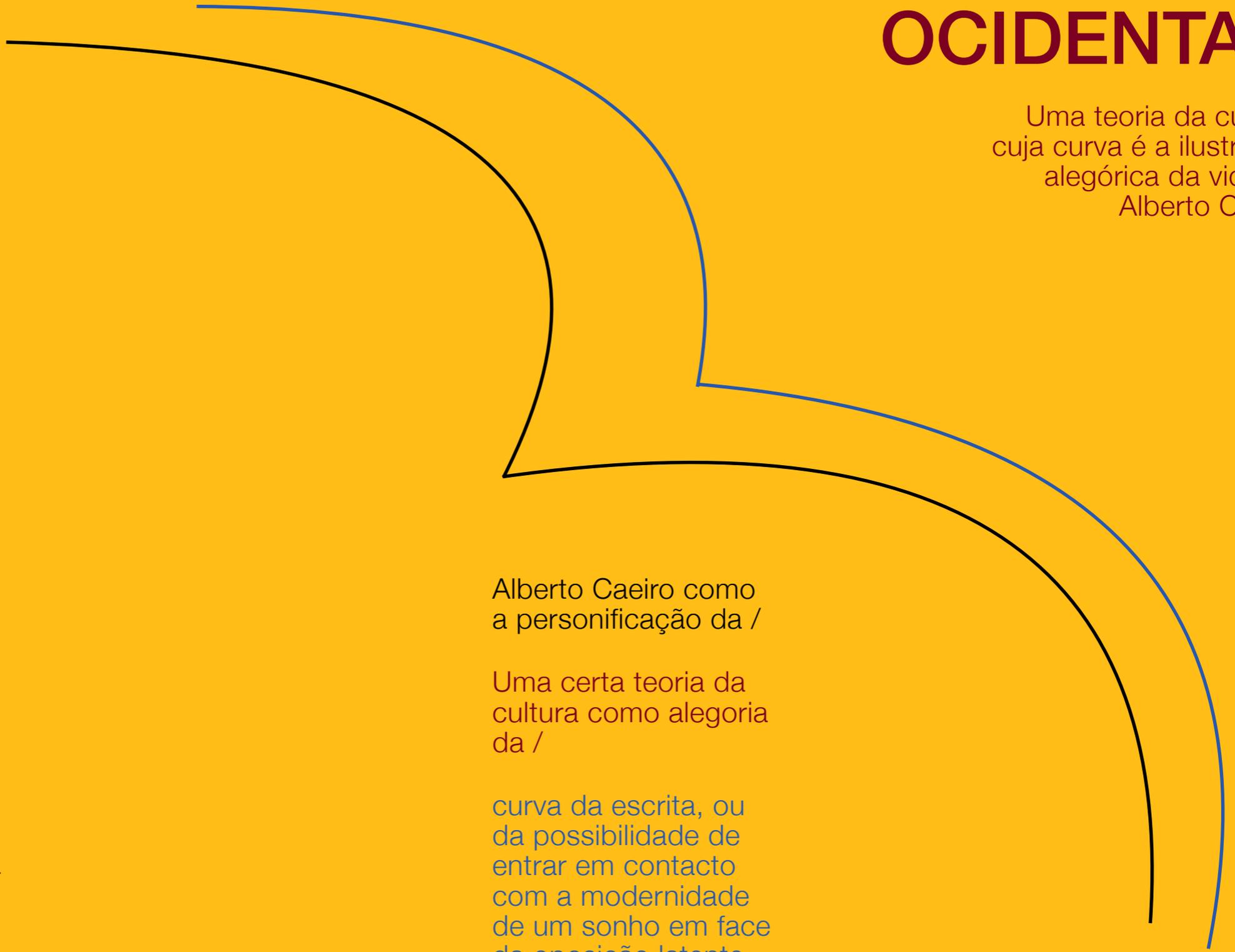
**CURVA DE
PORLOCK**

**ALBERTO
CAEIRO**

A MODERNIDADE
FRACTURADA

CULTURA OCIDENTAL

Uma teoria da cultura
cuja curva é a ilustração
alegórica da vida de
Alberto Caeiro



Alberto Caeiro como a
personificação de certa
teoria da cultura, da
civilização enquanto
declínio

ALBERTO CAEIRO

Alberto Caeiro como
a personificação da /

Uma certa teoria da
cultura como alegoria
da /

curva da escrita, ou
da possibilidade de
entrar em contacto
com a modernidade
de um sonho em face
da oposição latente
entre acção e forma

A STATE OF MIND

AN EXCEPTIONALLY
CLEAR VISION OF
THINGS

A NOVELTY ... THAT
IS EXCESSIVE AND
VISION-TROUBLING.

THE SIMPLEST,
MOST NATURAL
AND MOST
SPONTANEOUS
KIND

**ALBERTO
CAEIRO
SEGUNDO
THOMAS
CROSSE**

A STATE OF MIND

AN EXCEPTIONALLY
CLEAR VISION OF
THINGS

A NOVELTY ... THAT
IS EXCESSIVE AND
VISION-TROUBLING.

THE SIMPLEST,
MOST NATURAL
AND MOST
SPONTANEOUS
KIND

**ALBERTO
CAEIRO
SEGUNDO
THOMAS
CROSSE***

* Pun intended

Aquele ramo da corrente neopagã portuguesa que se pode designar o ramo ortodoxo, adentro do conceito de paganismo, considera a religião cristã como um produto da decadência romana, que se fixou, porque representa um dado social contínuo. **Considera o cristismo** em parte como uma mera heresia pagã. Heresia que atinge a essência e não a forma, da fé; considera, além disso, o cristismo uma violação das leis de equilíbrio que regem, ou devem reger, a nossa civilização; considera-o ainda **como produtor duma degenerescência nas ideias e nos sentimentos de onde deriva o estado perpetuamente mórbido da nossa civilização.**

Fernando Pessoa, 'Programa Geral do Neopaganismo Português', p. 244

Cristismo segundo Fernando Pessoa

Aquele ramo da corrente neopagã portuguesa que se pode designar o ramo ortodoxo, adentro do conceito de paganismo, considera a religião cristã como um produto da decadência romana, que se fixou, porque representa um dado social contínuo. **Considera o cristismo** em parte como uma mera heresia pagã. Heresia que atinge a essência e não a forma, da fé; considera, além disso, o cristismo uma violação das leis de equilíbrio que regem, ou devem reger, a nossa civilização; considera-o ainda **como produtor duma degenerescência nas ideias e nos sentimentos de onde deriva o estado perpetuamente mórbido da nossa civilização.**